VICE-POSTULAÇÃO DO OPUS DEI EM PORTUGAL. Campo Grande, 193. 1700 LISBOA

Este BOLETIM INFORMATIVO publica-se com aprovação eclesiástica da Sagrada Congregação para as Causas dos Santos.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

O Servo de Deus JOSEMARÍA ESCRIVÁ DE BALAGUER
Fundador do Opus Dei

BOLETIM INFORMATIVO N.º 5 — LISBOA

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás nasceu em Barbastro (Espanha), a 9 de Janeiro de 1902. Frequentou o curso do liceu em Barbastro e Logronho, e fez os estudos eclesiásticos na Universidade Pontifícia de Saragoça, onde se licenciou em Sagrada Teologia. Mais tarde viria a fazer, em Roma, o respectivo doutoramento.

Frequentou o curso de Direito Civil na Universidade de Saragoça e, posteriormente, doutorou-se na Universidade de Madrid. Em 1960, recebeu o título de Doutor *honoris causa* em Filosofia e Letras, pela Universidade de Saragoça. Foi o primeiro Grão-Chanceler das Universidades de Navarra, em Espanha, e de Piura, no Perú.

Ordenado sacerdote, a 28 de Março de 1925, iniciou o seu trabalho pastoral em paróquias rurais e, a partir de 1927, entre os pobres e doentes dos bairros periféricos e hospitais de Madrid. Alguns anos mais tarde, foi nomeado Reitor do Real Patronato de Santa Isabel, também em Madrid, cargo que desempenhou até 1946, quando mudou a sua residência para Roma.

Foi Consultor de diversas Comissões Pontifícias e Congregações da Santa Sé, Prelado Doméstico de Sua Santidade e Membro da Pontifícia Academia Romana de Teologia.

Tinha fundado, no dia 2 de Outubro de 1928, em Madrid, o Opus Dei, caminho de santificação no meio do mundo e fermento de intensa vida cristã em todos os ambientes. A 14 de Fevereiro de 1930, Mons. Escrivá de Balaguer fundava a Secção Feminina do Opus Dei; e, a 14 de Fevereiro de 1943, dentro do Opus Dei, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. O Opus Dei recebeu a aprovação definitiva da Santa Sé, a 16 de Junho de 1950; e, a 28 de Novembro de 1982, foi erigido como Prelatura pessoal, forma jurídica introduzida no Direito da Igreja pelo Concílio Vaticano II, que era a desejada e prevista por Mons. Escrivá de Balaguer.

Com oração e penitência constantes, e com uma contínua e incondicionada entrega à Vontade de Deus, o Padre — como lhe chamam os seus filhos e filhas, e muitos outros milhares de pessoas de todas as condições — impulsionou e dirigiu a expansão do Opus Dei por todo o mundo, ao longo de quarenta e sete anos. Quando o seu Fundador entregou a sua alma a Deus, o Opus Dei estava já estendido nos cinco Continentes, e contava com mais de 60 000 membros, de 80 nacionalidades, ao serviço da Igreja com o mesmo espírito de plena união e veneração ao Papa e aos Bispos, que sempre viveu Mons. Escrivá de Balaguer e inculcou nos seus filhos.

A Santa Missa era a raiz e o centro da vida interior do Fundador do Opus Dei. O profundo sentido da sua filiação divina levava-o a procurar em tudo a mais completa identificação com Jesus Cristo, a ter uma terna e forte devoção à Virgem Santíssima e a São José, a um convívio habitual e confiante com os Santos Anjos da Guarda e a ser um semeador de paz e de alegria, por todos os caminhos da terra.

Mons. Escrivá de Balaguer tinha oferecido a sua vida, repetidas vezes, pela Igreja e pelo Pontífice Romano. O Senhor acolheu esse oferecimento e o Padre entregou santamente a sua alma a Deus, em Roma, no dia 26 de Junho de 1975, no seu quarto de trabalho, com a mesma simplicidade que caracterizou toda a sua existência.

O seu corpo repousa na Cripta da Capela de Santa Maria da Paz — Rua Bruno Buozzi, 75, Roma —, continuamente acompanhado pela oração e o agradecimento dos seus filhos e filhas e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus, atraídas pelo exemplo e ensinamentos do Fundador do Opus Dei. O processo de beatificação e canonização de Mons. Escrivá começou, em Roma, no dia 12 de Maio de 1981.

Capa:
Mons. Escrivá de Balaguer cumprimenta um doente em Islabe, próximo de Bilbao (Espanha), no dia 12 de Outubro de 1972.

Universidad de Navarra
Servicio de Bibliotecas

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

FBJE 166050

O sacramento do perdão

Mons. Josemaría Escrivá recebeu de Deus a missão de fundar o Opus Dei, que veio recordar o chamamento universal à santidade. O Fundador do Opus Dei ensinou que o caminho da santidade consiste precisamente na luta diária que cada um deve travar consigo próprio, **contra tudo aquilo que, na sua vida, não é de Deus** (1), para se encher da caridade de Cristo. **Nunca me agradaram as biografias dos santos em que, com ingenuidade, mas também com falta de doutrina, nos apresentam as façanhas desses homens, como se estivessem confirmados na graça desde o seio materno. Não. As verdadeiras biografias dos heróis cristãos são como as nossas vidas: eles lutavam e ganhavam, lutavam e perdiam. E então, contritos, voltavam à luta** (2). Deus quer-nos santos, mas conhece a nossa fraqueza e oferece-nos os meios para vencê-la: **Jesus compreende a nossa debilidade e atrai-nos a si, como em plano inclinado, desejando que saibamos insistir no esforço de subir cada dia um pouco** (3).

Esse esforço do cristão exige humildade: o conhecimento da sua insuficiência, unido a uma profunda confiança na graça de Deus. O Fundador do Opus Dei insistiu incansavelmente, na sua pregação, na importância e na necessidade do sacramento da Penitência na tarefa da santificação. Com o seu exemplo e com a sua palavra, contribuiu eficacissimamente para que este sacramento, verdadeiro tesouro da misericórdia divina confiado à Igreja, fosse objecto de fé viva e de amor em muitos milhares de pessoas dispersas por todo o mundo.

É inevitável que, ao caminharmos, levantemos pó. Somos criaturas e estamos cheios de defeitos. Eu diria até que tem de os haver sempre, pois são a sombra que faz com que se destaquem mais, por contraste, na nossa alma, a graça de Deus e o esforço por corresponderemos ao favor divino. E esse claro-escuro tornar-nos-á mais humanos, humildes, compreensivos, generosos (4). A experiência de tantas fraquezas pessoais não tem que levar-nos ao pessimismo, mas a confiar mais na misericórdia de Deus Pai: **Deus não se cansa das nossas infidelidades. O nosso Pai do Céu perdoa qualquer ofensa, quando o filho volta de novo até Ele, quando se arrepende e pede perdão. Nosso Senhor é tão verdadeiramente Pai, que prevê os nossos desejos de sermos perdoados e se adianta abrindo-nos os braços com a sua graça** (...)

De certo modo, a vida humana é um constante regresso à casa do nosso Pai. Um regresso mediante a contrição, a conversão do coração que significa o desejo de mudar, a decisão firme de melhorar a nossa vida e que, portanto, se manifesta em obras de sacrifício e de entrega; regresso à casa do Pai, por meio do sacramento do perdão, no qual, ao confessar os

Universidad de Navarra
Servicio de Bibliotecas

nossos pecados, nos revestimos de Cristo e nos tornamos assim seus irmãos, membros da família de Deus (5).

Não pode haver lugar para desânimos em quem se sabe filho de Deus: **Para a frente, aconteça o que acontecer! Bem agarrado ao braço do Senhor, considera que Deus não perde batalhas. Se, por qualquer motivo, te afastas d'Ele, reage com a humildade de começar e recomeçar; de fazer de filho pródigo todos os dias, inclusive repetidamente nas vinte e quatro horas do dia; de reconciliar o teu coração contrito na Confissão, verdadeiro milagre do Amor de Deus. Neste Sacramento maravilhoso, o Senhor limpa a tua alma e inunda-te de alegria e de força para não desanimares na tua luta e para voltares de novo sem cansaço a Deus, mesmo quando tudo te pareça obscuro** (6).

O Servo de Deus a todos animava a acercar-se da Confissão com fé actual, sabendo que, enquanto sacramento, não é um simples recurso humano, desafogo para os nossos problemas psicológicos, mas uma realidade divina, uma confidência filial com Deus Nosso Senhor: **A Confissão sacramental não é um diálogo humano, mas um colóquio divino; é um tribunal de segura e divina justiça e, sobretudo, de misericórdia** (7). **É uma manifestação delicadíssima da bondade divina, da misericórdia de Jesus Cristo, que é pai e irmão e que sabe desculpar, sabe perdoar. É maravilhoso ajoelhar-se, e escutar do Senhor — porque o sacerdote é o próprio Cristo —: Eu te absolvo dos teus pecados, eu te perdoo** (8).

Recordava o Servo de Deus que **é pessoal a santidade, e pessoal o pecado: assim também o remédio se deve aplicar pessoalmente** (9), nesse encontro frente a frente com o Senhor, que se há-de preparar diligentemente. Mons. Escrivá não deixava de ilustrar cada um dos actos que constituem o sacramento da Penitência: exame de consciência, dor dos pecados cometidos, propósito de emenda e de evitar as ocasiões, confissão auricular pessoal, cumprir a penitência. E assegurava que, quem procura aproximar-se da Confissão com as devidas disposições, chega a um conhecimento cada vez mais profundo e íntimo da ternura com que Deus segue os seus passos na terra: **Quantas graças temos de dar a Deus Nosso Senhor, por este sacramento da Sua misericórdia! Pasmo, comovo-me. Um Deus que perdoa parece-me tão pai e tão mãe ao mesmo tempo, que me poria a chorar de agradecimento e de alegria. Que faríamos sem o seu perdão?** (10).

Era constante, nos seus lábios, o convite a recorrer com frequência à Confissão, que o Servo de Deus praticava semanalmente e, em algumas ocasiões, mais de uma vez por semana, não por escrúpulos, mas por finura de amor: **Deus que nos purifica, que nos limpa, que nos levanta... não vos enternece? Recorrei à Confissão, porque não é só para perdoar os pecados graves, ou os leves, ou as faltas: é também para nos fortalecer, para encher a alma de graça e dar-nos impulso, de modo a percorrermos mais depressa o caminho; para que também tenhamos mais habilidade para combater e vencer; para que nos comportemos de tal maneira que saibamos viver com virtude e detestar o pecado** (11).

Pelo contrário, se se abandona a confissão, a alma embota-se, a consciência obscurece-se até ao ponto de não distinguir o bem do mal. Debilitam-se a fé e o amor, e uma pessoa fica inerme perante o assalto das paixões.

Fazia especial finca-pé na sinceridade: **Quando vos fordes confessar, ide ao miolo, desde o primeiro momento. Preparai as confissões, para que sejam concisas, concretas, claras e completas** (12). **Logo que se abre o coração e se faz uma boa limpeza, dizendo o que estorva, o que não quereríamos que se soubesse, contritos e com bons propósitos, que paz e que alegria!** (13).

O Servo de Deus, com quinze anos.

Convidava a não esquecer a estreita relação que há entre o sacramento da Penitência e o divino alimento da alma que é a Eucaristia: **Não deixeis de comungar com frequência: mas, se algo vos incomoda na alma, confessai-vos primeiro. Sem clareza de ideias, sem a consciência limpa, não vades nunca comungar: seria horrível** (14).

Muitos recordam as considerações do Servo de Deus sobre os frutos de paz e de optimismo com que Deus premeia aquele que procura o Seu perdão sacramental. Desaparece toda a sombra e a alma inunda-se de serenidade: **Depois é preciso esquecer, porque Deus Nosso Senhor também se esquece** (15). **Deus triunfa nesta minha pobre carne, nesta minha pobre alma, neste meu pobre coração** (16). **Os que há muito tempo não passam pelo confessionário, ver-se-ão felizes quando estiverem limpos; compreenderão que a vida tem outro sentido, que estão na terra para algo maior** (17).

Com a graça de Deus na sua alma, os cristãos podem converter-se em **semeadores de paz e de alegria** (18) entre os homens. O apostolado, esse dever que todos temos de levar os outros ao encontro com Cristo, tem assim, no sacramento da Penitência, a garantia segura da eficácia e um objectivo muito concreto. Com efeito, uma das grandes obras que um cristão pode fazer em favor de um amigo é ajudá-lo a aproximar-se da Confissão sacramental, onde experimentamos a alegria de ser perdoados por Deus.

(1) *Cristo que passa*, n. 73
(2) *Ibid.*, n. 76
(3) *Ibid.*, n. 75
(4) *Ibid.*, n. 76
(5) *Ibid.*, n. 64
(6) *Amigos de Deus*, n. 214
(7) *Cristo que passa*, n. 78
(8) RHF 20760, pág. 672
(9) *Ibid.*, pág. 674
(10) *Ibid.*, pág. 669
(11) *Ibid.*
(12) RHF 20101, pág. 19
(13) RHF 20760, pág. 667
(14) RHF 20771, pág. 284
(15) RHF 20161, pág. 419
(16) RHF 20760, pág. 418
(17) RHF 20771, pág. 290
(18) *Cristo que passa*, n. 168

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

A luz da boa doutrina

Bebamos até à última gota o cálice da dor na pobre vida presente (...) Que importa padecer, se se padece para consolar, para dar gosto a Deus Nosso Senhor, com espírito de reparação, unido a Ele na sua Cruz... Numa palavra: se se padece por Amor?... (1)

Quando o Fundador do Opus Dei escreveu estas palavras — em Dezembro de 1932 ou talvez antes —, já há vários anos se dedicava generosamente aos pobres e doentes de Madrid. Em anteriores números desta publicação descreveu-se já esta faceta do trabalho a que se entregava o Servo de Deus, com ânsias de se unir à Cruz do Senhor, para aliviar aqueles que se encontravam nas mais miseráveis condições de vida. Com fraternidade cristã, sofria profundamente, enquanto palpava com as suas mãos a dor e o desamparo nas suas formas mais agudas, e se esforçava por levar a essas pessoas, necessitadas de tudo, o tesouro dos sacramentos, o seu consolo de sacerdote e o calor da caridade convertida em serviço.

Advertia, ao mesmo tempo, que era necessário curar misérias mais graves: a ignorância religiosa, a frieza do coração para com Deus e para com o próximo, o desconhecimento da dignidade e exigências da vocação cristã: **Bem se pode dizer que o maior inimigo de Deus — porque se ama a Deus depois de O conhecer — é a ignorância, origem de tantos males e grande obstáculo para a salvação das almas** (2). O Servo de Deus via a necessidade de levar a luz da doutrina de Cristo a todos os lugares, **como um elementar compromisso de caridade para a consciência de um católico** (3). Já nos primeiros anos de sacerdócio se dedicou a esta tarefa, realizando um trabalho incansável.

Desde Junho de 1927, quando começou a trabalhar como capelão do Patronato de Enfermos, ia muitas vezes aos bairros mais pobres de Madrid, para atender também sacerdotalmente as crianças das escolas promovidas pelas Damas Apostólicas do Sagrado Coração. Todos os anos faziam a primeira Comunhão cerca de quatro mil crianças. D. Josemaría fazia-lhes práticas e falava com cada uma. Ajudava-as especialmente a prepararem-se para receber muito bem o sacramento da Confissão.

Em 1975, o Fundador do Opus Dei referia-se com alegria ao seu trabalho daqueles anos: **Sou consciente — e digo-o com orgulho — de ter dedicado muitos, muitos milhares de horas a confessar crianças nos bairros pobres de Madrid. Gostaria de ir confessá-las em todos os bairros mais tristes e desamparados do mundo. Vinham com o ranho até à boca. Era preciso começar por lhes limpar o nariz, antes de lhes limpar um pouco aquelas pobres almas** (4).

Em Julho de 1931, depois de deixar a capelania do Patronato de Enfermos, continuou e ampliou o seu trabalho de semear a boa doutrina em todos os ambientes. Por exemplo, já em 1932 ia ao asilo de Porta Coeli, na rua Garcia de Paredes, em Madrid, onde confessava e falava — dando catequese — com os rapazes aí recolhidos. Dirigia-se aonde se manifestasse alguma necessidade espiritual, sem se preocupar com sacrifícios e horas de trabalho.

Asilo de Porta Coeli. Aqui, nos começos dos anos trinta, o Servo de Deus desenvolveu parte do seu imenso trabalho de catequese.

Por volta de Março de 1932, o ensino da Religião foi suprimido em todos os centros de ensino estatais de Espanha. Naquela situação houve famílias que foram ter com D. Josemaría, para que ensinasse o catecismo aos seus filhos.

Uma rapariga — hoje religiosa Serva de Maria — que trabalhava em casa de uma dessas famílias, assistiu às aulas que o Servo de Deus deu a oito crianças naquela casa em 1932 e 1933: «Parece-me recordar que D. Josemaría vinha duas vezes por semana, às quartas e sábados, das cinco às seis da tarde. Havia aulas de catecismo durante todo o ano, excepto nos meses de Julho e Agosto (...) Era muito ameno e alegre, e as crianças, algumas pequenas, divertiam-se muito nas aulas e não queríamos que se fosse embora. Para nós o tempo voava e queixávamo-nos de que se fosse embora tão cedo (...) Sentíamo-nos muito contentes ao pé dele, ajudava-nos a entender as aulas do catecismo por meio de gravuras. As crianças iam-se aproximando para as ver de perto, e eram sobre os Mandamentos, os Sacramentos, etc.» (5)

Por aquela altura, o Fundador do Opus Dei intensificou o seu apostolado com os intelectuais, e começou umas reuniões de formação espiritual para universitários. A primeira realizou-se no dia 21 de Janeiro de 1933, numa sala do Asilo de Porta Coeli, emprestada pelas religiosas que se encarregavam do Asilo.

Assistiram só três estudantes de Medicina. D. Josemaría comentaria esse acontecimento em 1975: **Só apareceram três. Que fracasso, não é verdade? Pois não senhor! Fiquei muito optimista, muito contente e fui à capela das freiras; expus Nosso Senhor na Custódia e dei a benção àqueles três. Pareceu-me que o Senhor Jesus, Nosso Senhor, abençoava trezentos, trezentos mil, trinta milhões, três mil milhões..., brancos, negros, amarelos, de todas as cores, de todas as combinações que o amor humano pode fazer. E fiquei muito aquém, porque é uma realidade passado meio século. Eu fiquei muito aquém, porque o Senhor foi muito mais generoso** (6).

Desde o primeiro dia, quis o Fundador do Opus Dei que essas reuniões fossem presididas por uma imagem de Nossa Senhora que tinha a sua história. Era a capa de um catecismo rasgado, que ele tinha encontrado no chão, junto ao tronco de uma árvore, no bairro de Los Pinos, durante uma das suas andanças pelos subúrbios de Madrid. Em desagravo, tinha mandado emoldurar essa pequena gravura com brocado.

Os estudantes apareciam para falar pessoalmente com D. Josemaría, em casa da sua mãe. A direcção espiritual que recebiam ajudava-os a entrar com naturalidade nos caminhos da vida interior. Morava então, desde fins de 1932, num andar da rua Martinez Campos. Naquelas conversas fazia ver aos rapazes a grandeza e a profundidade da vocação cristã vivida no meio das ocupações de cada um. Estimulava-os à entrega generosa aos outros, fazendo-os superar a visão estreita de um cristianismo reduzido a um simples conjunto de práticas de piedade acrescentadas à vida quotidiana.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

Para melhorar a formação desses rapazes e a dos seus amigos, levou-os a aprofundar o estudo da doutrina cristã, para poderem também ensiná-la aos outros, e organizou com eles catequeses para crianças dos subúrbios de Madrid. A primeira começou duas semanas depois da primeira reunião em Porta Coeli. Realizava-se no bairro de Los Pinos, precisamente onde tinha encontrado a capa do Catecismo. Uns dias antes, apesar de um grande nevão que caíra, coisa rara em Madrid, D. Josemaría foi ao Colégio do Divino Redentor combinar as aulas. Uma das oito religiosas que então se encarregavam do Colégio, conta: «Certa manhã, que recordo muito bem porque tinha nevado muito e estava tudo coberto de branco, vimos da sala de recreio da Comunidade, que estava num andar superior, dois sacerdotes de batina e capa, que se aproximavam do Colégio. Era cedo, pois ainda se via tudo branco e limpo; mais tarde já estaria tudo enlameado. Era D. Josemaría — acompanhado por outro sacerdote chamado D. Lino — que vinha pedir-nos que o deixássemos organizar uma catequese no Colégio» (7).

No primeiro domingo que foram dar catequese choveu muito. Isto, juntamente com a neve dos dias anteriores, tornava quase impossível a passagem pelas ruas enlameadas do local.

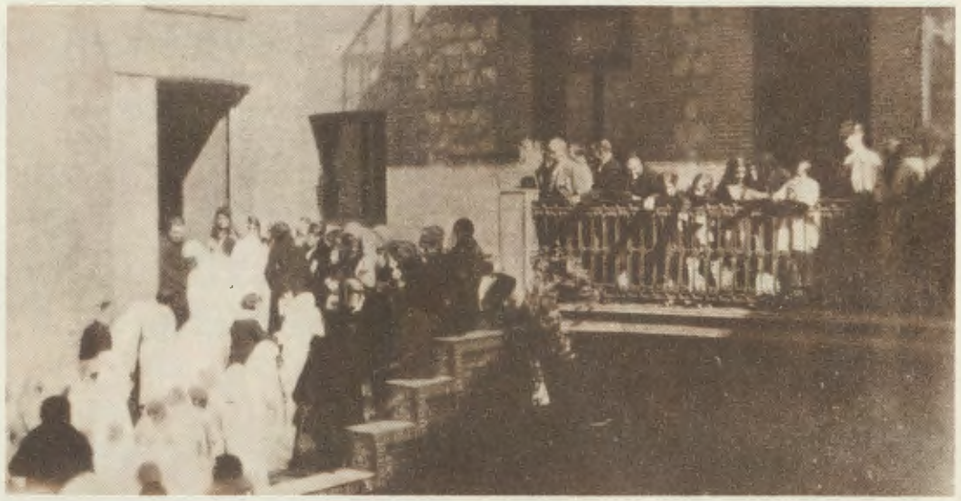
D. Josemaría tinha procurado e escolhido o bairro mais necessitado e difícil dos que conhecia. Assim o declarava uma das alunas que nessa altura frequentava aquele centro escolar: «O Colégio do Divino Redentor era uma fundação recente (1927) das Irmãs da Doutrina Cristã (...) Estava situado no bairro de Los Pinos. Tinha-se procurado encontrar o local mais abandonado para suprir as necessidades de formação de muitas famílias com recursos económicos muito escassos. Todo o bairro era miserável, com barracas de lata, aproveitada das embalagens de conservas. O Colégio estava situado num fundão, de maneira que, quando chovia, toda a água das encostas corria para ali, criando um pequeno riacho. Por isso, as pessoas do bairro chamavam-lhe o «Colégio do Riacho». Isto mostra que o acesso era muito difícil. Os automóveis não conseguiam chegar lá e a última paragem do Metro ficava distante. Também não era fácil localizá-lo no meio do bairro» (8).

Também havia outras dificuldades, mais sérias que as materiais, que era preciso superar. «O ambiente do bairro — testemunha a religiosa já citada — era muito hostil, de tal maneira que, para um sacerdote, era um acto heróico atravessá-lo, pelas troças e ameaças a que se expunha» (9).

D. Josemaría costumava vir aos Domingos, às onze horas em ponto e ficava cerca de duas horas. Durante a Missa, celebrada pelo capelão do Colégio, explicava alguns pontos de doutrina. Acabada a Missa, continuava a explicação. O grupo de estudantes que o acompanhava, naquele primeiro ano quase todos de Medicina, davam a seguir as aulas que tinham preparado durante a semana. É evidente que, para além do bem que faziam às crianças, aproximando-as da luz da fé, os primeiros a beneficiar eram os próprios estudantes porque, além de melhorarem o seu conhecimento da doutrina, cresciam em generosidade e em desejos de apostolado.

O Servo de Deus animava-os a convidar os seus amigos à catequese. No ano seguinte aumentou consideravelmente o número dos que vinham colaborar neste trabalho. Por esta razão, o Padre — assim chamavam os estudantes a D. Josemaría — procurou novos lugares, de características semelhantes ao primeiro. Com data de 12 de Agosto de 1934, escreve a D. Francisco Morán, Vigário Geral da diocese de Madrid:

Peço ao Senhor Vigário que nos reserve outra catequese; melhor se estiver num sítio mau, onde seja um sacrifício ir, porque os rapazes saberão oferecer gostosamente, ao Senhor, essas dificuldades. Claro que teria de ser só aos Domingos, como em Los Pinos: não nos podemos esquecer que toda esta *rapaziada* **são estudantes dos que estudam** (10).



Nesta fotografia da época (1929), vê-se o Servo de Deus — no umbral da porta, à esquerda — num dia de Primeiras Comunhões, no Patronato de Enfermos.

Assim, sob o impulso do Padre, foram começando outras catequeses, ao longo daqueles anos trinta, em que o Opus Dei dava os primeiros passos. Entre outras, a indicada pelo Vigário Geral, em resposta ao pedido de D. Josemaría, que começou em Março de 1935, na «Colónia Popular».

Eram os começos de um fecundo trabalho ao serviço da Igreja, iniciado pessoalmente pelo seu Fundador, que o Opus Dei desenvolve em todos os lugares do mundo onde trabalha. A vida de Mons. Escrivá foi uma grande dedicação à formação cristã, uma sementeira incessante de doutrina, a que se entregou sem poupar esforços. Através da sua pregação, a semente do Amor de Deus lançou raízes em inumeráveis corações: **Dar doutrina é a nossa grande missão. Nisto consiste o grande apostolado do Opus Dei: mostrar à multidão que nos espera qual é o caminho que nos conduz directamente ao Senhor** (11).

Consequência do seu exemplo heróico, é a variadíssima gama de actividades de apostolado promovidas pelas suas filhas e pelos seus filhos entre pessoas de todos os ambientes da sociedade. Nessas iniciativas apostólicas, destaca sempre o aspecto doutrinal, já que **o apostolado cristão — e refiro-me agora em concreto ao de um cristão corrente, ao do homem ou da mulher que vive realmente como outro qualquer entre os seus iguais — é uma grande catequese na qual, através da relação pessoal de uma amizade leal e autêntica, se desperta nos outros a fome de Deus, ajudando-os a descobrir horizontes novos: com naturalidade, com simplicidade, como já disse, com o exemplo de uma fé vivida, com a palavra amável, mas cheia da força da verdade divina** (12).

(1) *Caminho*, n. 182.
(2) Carta, 19-III-1940.
(3) Carta, 28-III-1973.
(4) RHF 20591, pág. 452
(5) Testemunho da Irmã Benita Casado Yagüe, Serva de Maria.
(6) Salvador Bernal, *Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer. Apontamentos sobre a vida do Fundador do Opus Dei*, Lisboa 1978, pág. 184.
(7) Testemunho da Irmã San Pablo Lemos, Missionária da Doutrina Cristã.
(8) Testemunho da Irmã Pilar Angela Hernando Carretero, Missionária da Doutrina Cristã.
(9) Testemunho da Irmã San Pablo Lemos.
(10) Carta, 12-VIII-1934.
(11) Carta, 24-III-1930.
(12) *Cristo que passa*, n. 149.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

Sob o seu impulso espiritual

Com a sua heróica fidelidade à Vontade divina, com oração e mortificação incessantes, e com um trabalho cheio de esperança, Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer inspirou e dirigiu, durante 47 anos, o desenvolvimento apostólico do Opus Dei por todo o mundo.

A tarefa principal da Obra é a formação dos seus sócios, para que cada um, individualmente, realize o seu trabalho apostólico de cristão, no mundo e na sociedade.

...o apostolado essencial do Opus Dei —em palavras do seu Fundador—**é o que cada sócio realiza individualmente no lugar em que trabalha, com a sua família, entre os seus amigos. Uma actividade que não chama a atenção, que não é fácil de traduzir em estatísticas, mas que produz frutos de santidade em milhares de almas, que vão seguindo Cristo, silenciosa e eficazmente, no meio da actividade profissional de todos os dias.** (Temas actuais do Cristianismo, n.° 71).

Mas, além disso, como ele próprio respondia à pergunta de um jornalista, **o Opus Dei, como corporação, promove, com o concurso de um grande número de pessoas que não estão associadas à Obra —e que muitas vezes não são cristãs—, trabalhos** corporativos, **com que procura contribuir para a resolução dos problemas que o mundo actual enfrenta: centros educativos, assistenciais, de promoção e habilitação profissional, etc.** (Temas actuais do Cristianismo, n.° 84).

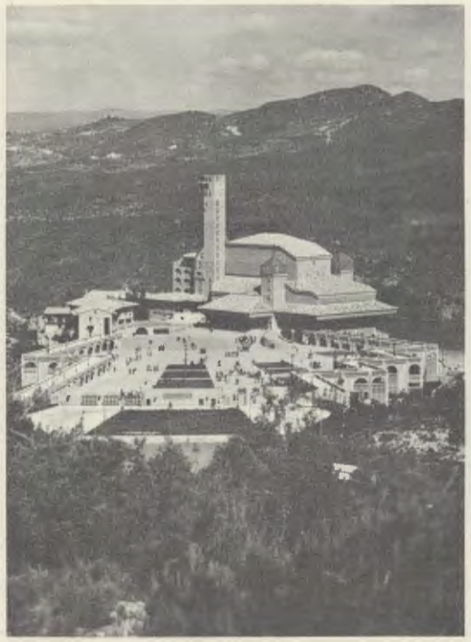
Iremos apontando aqui, com forçosa brevidade, algumas das muitas obras apostólicas que, com diferentes características, conforme as necessidades do lugar ou do tempo, nasceram sob o impulso espiritual do Fundador do Opus Dei.

TORRECIUDAD Um Santuário Mariano

A cidade de Barbastro (Espanha) ficou para trás. A estrada percorre a margem direita do Rio Cinca: penetra-se no Somontano e a paisagem torna-se agreste. Para lá da barragem de El Grado, o Cinca converte-se em albufeira limitada por altos penhascos que a água não consegue cobrir. Na margem esquerda, sobre um rochedo, encontra-se a antiga ermida e, perto, um torreão de sinais meio destruído. Mais acima, ergue-se o novo Santuário, com os edifícios em que se realiza o trabalho espiritual com que o Fundador do Opus Dei sonhou. Ao fundo, recorta-se num limpo céu azul a impressionante mole dos Pirinéus aragoneses.

O silêncio convida à contemplação.

Interior do Santuário de Torreciudad.



Aqui aconteceu algo que é parte da história do Opus Dei. Em 1904, quando o Servo de Deus tinha dois anos, contraiu uma doença grave, que os médicos declararam ser mortal. A sua mãe rezou intensamente a Nossa Senhora e, dias mais tarde, levava o menino, surpreendentemente curado, em peregrinação de acção de graças, à ermida de Nossa Senhora de Torreciudad: **Os meus pais trouxeram-me aqui,** recordaria muitas vezes o Servo de Deus. **A minha mãe levou-me, ao colo, a Nossa Senhora. Ia sentada na cavalgadura, não à inglesa, mas em cadeira, como então era hábito, e teve medo porque o caminho era muito mau** (1).

Desde tempos imemoriais, Torreciudad foi ponto de encontro de piedade mariana para a população do Somontano aragonês. Conta a tradição, recolhida pelos historiadores, que já no Século XI se inicia essa devoção popular. Milhares de pessoas se prostraram aos pés da Virgem de Torreciudad, durante nove séculos.

A esta longa história quis juntar-se Mons. Escrivá.

Sob o seu impulso espiritual, foram-se criando as condições necessárias para erguer um Santuário, no qual, de acordo com a aprovação da autoridade eclesiástica competente, se colocaria a imagem restaurada, para que fosse lugar de conversão sob o amparo da Santíssima Virgem.

Dá-me muita alegria a devoção que se tem à Virgem em Fátima e em Lurdes; enche-me de gozo que se honre com tanto amor a nossa Mãe do Céu. Também nós contribuiremos para aumentar esse amor (2).

Que pretendia o Servo de Deus com este Santuário construído em honra de Nossa Senhora?

Escreveu-o numa carta: **Espero uma chuva de graças espirituais, que o Senhor quererá conceder a quem recorrer à Sua Bendita Mãe ante essa pequena imagem, tão venerada desde há séculos. Por isso interessa-me que haja muitos confessionários, para que as pessoas se purifiquem no santo sacramento da Penitência e, com as almas renovadas, confirmem ou renovem a sua vida cristã, aprendam a santificar e a amar o trabalho, levando aos seus lares a paz e a alegria de Jesus Cristo: dou-vos a paz, deixo-vos a paz. Assim, receberão com agradecimento os filhos que o Céu lhes mandar, usando nobremente do amor matrimonial, que os torna participantes do poder criador de Deus. E Deus não fracassará nesses lares, quando Ele os honrar, escolhendo almas que se dediquem, com dedicação livre e pessoal, ao serviço dos interesses divinos** (3).

O Servo de Deus teve duas vezes oportunidade de voltar, como peregrino, a Torreciudad, depois daquela viagem de 1904, nos braços de sua mãe.

A primeira foi em 7 de Abril de 1970, uma terça-feira. As obras do novo Santuário estavam recém-começadas. Naquele dia, referindo-se ao tempo decorrido desde que a mãe o tinha levado a Torreciudad, dizia a Nossa Senhora: **Perdoa-me, minha Mãe! Desde os dois anos até aos sessenta e oito! Que pouca coisa sou! Mas amo-te muito, com toda a minha alma. Dá-me muita alegria vir beijar-te e dá-me muita alegria pensar nos milhares de almas que te veneraram e vieram dizer-te que te amavam, e nos milhares de almas que hão-de vir** (4).

Por volta das onze da manhã, deteve-se exactamente um quilómetro antes de

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

O Servo de Deus reza o Rosário, com um grupo de filhos seus, a caminho da Ermida de Torreciudad, no dia 24 de Maio de 1975.

chegar à ermida, num local onde agora se ergue um cruzeiro. Descalçou-se e fez este último percurso a pé. A estrada não estava ainda asfaltada e o cascalho feria-lhe os pés. O caminhar era lento, sob um tempo inclemente.

Monsenhor Escrivá ia recolhido, rezando os quinze mistérios do Santo Rosário. De vez em quando, parava. Ao terminar, ouviram-no dizer: **Amo a Deus Pai, amo a Deus Filho, amo a Deus Espírito Santo. Amo a Trindade Santíssima. Creio em Deus Pai, creio em Deus Filho, creio em Deus Espírito Santo. Creio na Trindade Santíssima. Espero em Deus Pai, espero em Deus Filho, espero em Deus Espírito Santo. Espero na Trindade Santíssima. Amo a minha Mãe, a Virgem. Creio na minha Mãe, a Virgem. Espero na minha Mãe, a Virgem** (5).

O percurso durara quase uma hora: **Depois de sessenta e seis anos, é bem pouca coisa o que estou a fazer por Nossa Senhora (...) Não faço nada de extraordinário (6).** Na ermida, entoou a *Salve Rainha* e, de joelhos, rezou a oração *Bendita a Vossa pureza.*

A segunda visita foi no dia 23 de Maio de 1975. O Santuário estava já quase terminado e prestes a abrir-se ao culto. Os primeiros passos de Mons. Escrivá foram para a antiga ermida, e, ao contemplar os novos edifícios, comentou: **Com material humilde, da terra, fizestes material divino** (7). E mais tarde diria: **Empregastes tanto amor aqui...** (8)

Passado um mês, no dia 26 de Junho, o Servo de Deus entregava a alma ao Senhor. Uns dias depois, a 7 de Julho, o Santuário de Torreciudad abria-se ao culto com uma Missa Solene celebrada em sufrágio da sua alma. Participava uma multidão. Todos sabiam que começava uma nova etapa, na vida deste lugar mariano.

Passaram já uns anos. O Santuário — e, sobretudo, a cripta dos confessionários — sabe já muito de conversões e renovação de vidas, inumeráveis *milagres* espirituais que o Servo de Deus tinha pedido a Nossa Senhora de Torreciudad: **Serão muitos, frequentíssimos, e passarão escondidos sem que se possam fazer estatísticas** (9).

(1) RHF 20582, pág. 120.
(2) *Ibid.*, pág. 129
(3) *Ibid.*
(4) RHF 20159, págs. 501-502.
(5) *Ibid.*, pág. 504
(6) *Ibid.*, pág. 505
(7) RHF 20164. pág. 819.
(8) *Ibid.*, págs. 820-822.
(9) *Ibid.*, pág. 1307.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

Escrevem-nos

NÃO SE PÔDE EXPLICAR

Há onze anos que tinha uma doença numa vista: uma membrana espessa, formada no interior do olho, à frente da retina e presa à parte inferior desta, repuxando-a para baixo. Fui operado, em Bogotá, a um coágulo que obstruía a artéria da retina e que era a causa dos meus males; em relação à membrana aderente à retina, não se pôde fazer nada. Era impossível extrai-la devido à sua posição, pois corria-se o risco de romper a retina.

O médico disse-me que a pressão dessa membrana sobre a retina era tal que, por qualquer esforço que fizesse, se poderia provocar um descolamento da retina e a perda total da visão. Acrescentou que, de qualquer modo, sempre cabia esperar que os avanços da cirurgia fossem tais que um dia pudesse ser operado, sem pôr em perigo a retina.

A partir de 1971, interrompeu-se totalmente a medicação. Durante 10 anos, ia periodicamente fazer uma revisão ao oftalmologista, que sempre me aconselhava a não fazer esforços violentos, com a esperança de poder ser operado alguma vez. Há pouco mais de um ano, disse-me já se estarem a fazer esse tipo de intervenções, mas convinha esperar um pouco mais, até que a técnica melhorasse.

No dia 5 de Outubro, um amigo sugeriu-me que rezasse a Mons. Escrivá, para obter a cura da minha vista. No dia seguinte, assim o fiz. Por volta das oito da manhã, rezei a oração da memória e, depois, toquei com ela o olho doente. Estava no meu escritório, às seis da tarde, quando notei que a membrana se tinha rompido e que via quase perfeitamente bem. Tive a certeza de que era um milagre, realizado por intercessão de Mons. Josemaría Escrivá.

O médico não conseguiu explicar como é que se tinha rompido a membrana; mas referiu-me que as pregas que se tinham formado na retina não chegariam a desaparecer. Sem receitar nada, indicou-me que voltasse no fim do mês. Nesta altura, disse-me que a retina tinha voltado à sua condição normal e, por isso, já não existia o perigo dum possível descolamento, e tinham desaparecido as pregas.

S.C., Guayaquil (Equador)

AO FIM DE VINTE E SETE ANOS

Tenho vinte e sete anos, sou ugandês e actualmente vivo no Quénia. Quando aqui cheguei, em Junho de 1981, falaram-me dos favores que Mons. Escrivá concedeu a tantas almas, em todo o mundo.

O meu tio, a minha família e eu começámos uma novena para pedir a Mons. Escrivá que me ajudasse a sair dum sério problema de ataques asmáticos diários.

Logo que acabou a novena, na última semana de Julho, deu-se uma grande melhoria na minha saúde. Pela primeira vez, em vinte e sete anos de sofrimento, pude tomar duche diariamente, sem ter ataques de asma à noite.

Muito obrigado pela intercessão de Mons. Escrivá. A minha família e eu rezamos para que a minha recuperação seja completa.

P. M-A., Nairobi (Quénia)

Escrevem-nos

ANTES DE ACABAR A NOVENA

Alegra-me muito informá-los de que as minhas orações a Mons. Josemaría não foram vãs. Soube dele, pela primeira vez, através duma antiga aluna do Kianda College, mas nessa altura não me despertou muito interesse.

No mês passado, o meu tio foi raptado. Disseram-nos que o matariam, se não pagássemos uma certa quantia em dinheiro. Estávamos profundamente preocupados, quando me lembrei de ter lido vários favores por intercessão de Mons. Josemaría. Começámos uma novena. Antes de a terminar, o meu tio foi libertado.

Foi um milagre. Nunca nos tinha acontecido nada semelhante, e surpreendeu-nos. Depois disto, eu e a minha família decidimos rezar a Mons. Josemaría durante toda a nossa vida, por esta grande coisa que nos fez.

Muito obrigado, ao bom e santo Mons. Josemaría, por nos ter ajudado tão maravilhosamente. Sabemos que, qualquer coisa que confiarmos à sua intercessão, com esperança, conseguiremos.

A.N., Kampala (Uganda)

MUDOU DE VIDA

Há aproximadamente seis meses encarreguei-me da defesa duma rapariga nova, acusada de «posse de estupefacientes» (uso e consumo de drogas). À medida que ia conhecendo o processo, estranhava cada vez mais a sua situação. Nada do que ela me dizia coincidia com o que estava escrito. Antes de acabar a entrevista, dei-lhe a memória de Mons. Escrivá e disse-lhe que rezasse a oração com muita fé, porque ele se encarregaria de esclarecer a situação.

Dois meses depois, antes de começar a acusação, disse-me: «Doutora, sabe que depois de ler várias vezes a oração do sacerdote que me deu, senti uma vontade muito grande de me aproximar de Deus. Pedi a uma das religiosas da penitenciária que me ajudasse a preparar-me para fazer a Primeira Comunhão; quinze dias depois comunguei. Quero mudar de vida, desejo dedicar-me a um trabalho e sustentar a minha família.»

Há dois meses que saiu da penitenciária, porque a sentença foi absolutória, por falta de provas contra ela.

E.B., Caracas (Venezuela)

GRAÇAS À MEMÓRIA

Encontrava-me com o meu marido em Lisboa, no consultório de um radiologista, para ele fazer uma radiografia a um rim, que tinha uma pedra. A certa altura, o meu marido descobriu uma revista que estava em cima de uma mesa, e leu os milagres obtidos por intermédio de Monsenhor Escrivá; depois, deu-ma para que eu lesse também. Muito à socapa peguei numa esferográfica e num papel, e copiei a oração da novena, que com grande fé fiz a Monsenhor, para que o meu marido não fosse operado. Sempre que íamos ao médico, este dizia que a pedra não saía sem a operação; esteve três dias no hospital, fez uma cistoscopia, mas nada resultou. Eu sempre tive fé de que ele não seria operado. Comecei então uma novena a Monsenhor, com tanta fé, que acabei a novena numa segunda-feira e na quarta-feira a pedra saíu, mas sem a mínima dor. Isto só podia ser milagre por intermédio de Mons. Escrivá, que será sempre a minha tábua de salvação nas horas mais difíceis da minha vida.

D.J., Santiago do Cacém (Portugal)

O PROBLEMA DA CASA

Procurávamos casa nos arredores de Londres, perto de Wimbledon, onde a minha mulher tinha conseguido emprego como professora dum colégio. Depois de várias tentativas falhadas, recomendámos este assunto, com urgência, a Mons. Escrivá. Nesse mesmo dia, telefonei a várias agências para pedir dados.

No dia seguinte recebemos informação, pelo correio, de três possíveis casas. Ao visitar aquela que parecia mais adequada, conhecemos a proprietária, uma viúva que vivia sozinha. Tentava vendê-la há tempos, para regressar ao país natal. À medida que nos ia mostrando os quartos, mais nos agradava o imóvel; gostámos, particularmente, da presença dum crucifixo e de várias imagens de Nossa Senhora. Talvez por isso, não nos causou tanta estranheza reparar, sobre a mesinha de cabeceira do seu quarto, numa memória para a devoção privada a Mons. Escrivá, já bastante gasta. A minha mulher exclamou:

— Nós rezámos a esse sacerdote, para que nos encontrasse uma casa!

— E eu, para livrar-me desta, respondeu imediatamente.

Não é preciso dizer que chegámos logo a um acordo.

A.S., Londres (Inglaterra)

CONTRA TODO O PROGNÓSTICO

No ano lectivo de 1975-76, estava a estudar numa localidade próxima da cidade de Córdova. Em Dezembro, comecei a sentir um ligeiro mal-estar no joelho esquerdo devido, ao que me parecia, a uma pancada que tinha sofrido num jogo de futebol. No dia 12 de Dezembro, enquanto jogava futebol, reparei que mal podia correr. Retirei-me do jogo e, a partir desse momento, comecei a coxear até chegar ao ponto de não poder mexer a perna.

Durante as férias do Natal, que passei em casa, a dor foi aumentando. Voltei a Córdova para começar as aulas. Poucos dias depois, fui ao clínico geral que, vendo o joelho, me enviou ao traumatologista. Este pediu-me as radiografias e os resultados dumas análises ao sangue. Quando recebeu estes dados, disse-me que deveria ir para casa. No dia 8 de Fevereiro, em Alicante, diagnosticaram-me um sarcoma no fémur esquerdo. Sem eu saber nada, com o conhecimento dos meus pais e irmãos, levaram-me a Valência, ainda que não me tivessem dado possibilidades de vida.

Nesta cidade, fizeram-me uma biópsia que serviu para confirmar o diagnóstico anterior: hemangiopericitoma maligno. Na opinião dos médios, o tempo que me restava de vida era muito curto: se me cortassem a perna, seis meses no máximo.

Eu ainda não sabia exactamente do que se tratava, quando o traumatologista me comunicou que a única solução era cortar a perna o mais rapidamente possível. Sofri um grande choque de desânimo e desespero, mas, em quinze minutos aproximadamente, dei autorização para a operação.

Depois da operação pensei que o pior tinha passado, mas não era assim, ainda faltava o tratamento: 54 sessões de quimioterapia que me deixavam, nos dias seguintes a cada uma, cheio de angústia e mal-estar.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

Pouco tempo depois de ter começado o tratamento, soube perfeitamente o que tinha. Inclusivamente li bastante sobre o meu caso. Preparei-me para morrer, estava muito tranquilo. Durante este tempo, sei que muita gente rezava por mim. Eu também rezava bastante para viver e dirigia-me em muitos momentos a Mons. Escrivá.

Pouco a pouco foi passando tempo e, ao fim dum ano, voltei a sentir entusiasmo pela vida. Actualmente já me deram alta definitivamente.

Repetidamente agradeço ao Senhor ter-me concedido esta graça, pela intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer, a quem me continuo a confiar.

J.R., Alicante (Espanha)

Perdi o emprego e, dois meses mais tarde, o meu marido perdeu o dele quando se introduziram computadores na sua empresa.

Estava muito desesperada e rezei por esta intenção a Mons. Escrivá, e o meu marido encontrou trabalho. Envio um donativo para as suas actividades apostólicas.

G.C., Matraville (Austrália)

Procurei educar os meus filhos cristãmente, e pensava que o tinha conseguido. Mas certo dia reparei que uma das minhas filhas tinha ideias erróneas: não queria que os seus filhos se baptizassem, até serem mais velhos e o pedirem.

Uma pessoa amiga deu-me uma memória com a oração para a devoção privada, e pedi com toda a fé a Mons. Escrivá que intercedesse pelos meus dois netos. Ainda não tinham passado duas semanas, desde que começara a rezar-lhe, quando os dois meninos foram baptizados. Agora, rezo todos os dias a oração, agradecendo-lhe muito o favor que Deus me concedeu pela sua intercessão.

S.R., X (Porto Rico)

Uma sobrinha minha sofreu, há uns meses, uma grave crise nervosa e mental, de tal modo que teve de ser internada no hospital. Rezámos por ela a Mons. Escrivá e, graças a Deus, pôde voltar para casa, notavelmente melhor, a ponto de já poder trabalhar fora do lar. Continuamos a rezar para que o Senhor, por intercessão do Seu Servo Mons. Escrivá, lhe conceda a recuperação total e o equilíbrio emocional.

Junto um modesto donativo para as despesas de impressão e envio do *Boletim Informativo*, que tenho recebido. Oxalá vejamos tramitar rapidamente a causa que leve Mons. Escrivá aos altares!

R.B., Miami (EUA)

O meu primo não se confessava há 35 anos. Há algum tempo, os meus pais emprestaram-lhe o livro *Apontamentos sobre a vida do Fundador do Opus Dei*. Depois de o ler, decidiu mudar de vida. Procurou um sacerdote, confessou-se e comungou. Atribuo esta graça à intercessão de Mons. Escrivá que remove as pessoas com o exemplo da sua vida santa.

X.X., Curitiba (Brasil)

O meu filho esteve sem trabalho durante três meses. Em todos os locais onde solicitava um lugar, recebia uma resposta negativa. E isto várias vezes. Andava muito desanimado, até que um dia uma amiga me deu o *Boletim Informativo* do Servo de Deus Josemaría, Fundador do Opus Dei. Fiz o propósito de lhe rezar pedindo pelo meu filho. Isto não durou muito tempo, pois rapidamente encontrou um lugar quase impossível. Foi dum modo imprevisível e totalmente ocasional, pelo que estou muito agradecida a Mons. Josemaría.

J.P., Chojnice (Polónia)

Pouco antes da visita a Portugal do Santo Padre, havia duas amigas minhas que estavam doentes e, pelo estado da doença, tudo fazia crer que não estariam em condições de ver sequer o Santo Padre. Rezei muito então a Mons. Escrivá, como certamente muitas outras pessoas, para que pudessem vê-lo e acompanhá-lo. E, miraculosamente, assim aconteceu. E, Mons. Escrivá, como sempre, excedeu-se: uma pôde cumprimentá-lo pessoalmente e ser recebida, com outras pessoas, na Nunciatura, onde pôde falar com Sua Santidade. Outra pôde fazer todo o percurso de uma das camionetas que seguiu o itenerário do Papa, sem qualquer inconveniente, tendo sido, para isso, autorizada a sair do hospital por esses dias; foi-lhe até concedido um convite para estar na Universidade Católica, quando os convites já estavam cancelados. Pedi, depois, que continuassem bem de saúde, e este pedido também foi ouvido: uma voltou a fazer a sua vida normal; e a outra já saíu do hospital, depois das últimas análises, feitas após a visita do Santo Padre, terem dado resultados negativos, e poderá em breve retomar os seus afazeres. Tudo isto atribuo à intercessão de Mons. Escrivá, muito agradecida.

T.F., Lisboa (Portugal)

NOTÍCIAS SOBRE A CAUSA DE BEATIFICAÇÃO DE MONS. JOSEMARÍA ESCRIVÁ

No dia 12 de Maio de 1981 começou, no Vicariato de Roma, o Processo Cognitivo sobre a vida e virtudes do Servo de Deus, e no dia 18 do mesmo mês também teve a sua primeira sessão o tribunal constituído na Arquidiocese de Madrid, para receber as declarações das testemunhas de língua espanhola.

A Postulação da Causa de Beatificação e Canonização de Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer apresentou uma longa lista de testemunhas que conviveram pessoalmente com o Fundador do Opus Dei e que, com as suas recordações, cobrem toda a vida do Servo de Deus, desde a infância até à sua morte santa. Antes do Verão de 1982, já tinham prestado a sua declaração nestes processos quase metade das testemunhas apresentadas pela Postulação.

Também em Madrid, de 21 de Janeiro a 3 de Abril de 1982, decorreu o Processo Cognitivo sobre a cura extraordinária, atribuída à intercessão do Servo de Deus, duma religiosa que se curou, instantaneamente, duma doença cancerosa. O tribunal recolheu os testemunhos e oportunos documentos médicos e remeteu-os, para seu estudo, à Sagrada Congregação para as Causas dos Santos.

Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

OBRAS PUBLICADAS DE MONS. ESCRIVÁ DE BALAGUER

Caminho

«Monsenhor Escrivá de Balaguer escreveu algo mais do que uma obra-prima: escreveu inspirando-se no seu próprio coração, e ao coração chegam directamente também os breves parágrafos que formam CAMINHO (...), em que não aparece a rigidez suspicaz de um "código", mas, pelo contrário, a fraterna e ardente indulgência do Autor, a paternal solicitude com que vê, compreende, corrige, persuadindo e não ameaçando» (De «**L'Osservatore Romano**», 24-III-1950).

A primeira edição deste livro publicou-se em Fevereiro de 1934 (Cuenca, Imprenta Moderna), sob o título de **Consideraciones Espirituales**. Desde então, as edições têm-se multiplicado cada vez mais rapidamente, alcançando o número de 169 edições, em 34 idiomas, com 2 982 620 exemplares.*

Santo Rosário

Livro de meditações sobre cada um dos quinze mistérios da vida de Cristo e da Virgem, que se contemplam ao rezar o Santo Rosário.

A primeira edição publicou-se também em 1934. Desde então apareceram 60 edições, em 12 idiomas, com 374 500 exemplares.*

Temas actuais do Cristianismo

Várias revistas e jornais dirigiram perguntas concretas a Mons. Escrivá de Balaguer, focando os temas de maior importância para os respectivos leitores. Mons. Escrivá de Balaguer respondeu, por escrito e exaustivamente, às perguntas que lhe tinham formulado. Neste livro recolhe-se o texto completo dessas entrevistas.

A primeira edição publicou-se em 1968. A partir de então, publicaram-se 31 edições, em 7 idiomas, com 252 730 exemplares.*

Cristo que passa

O livro recolhe algumas das muitas homilias pronunciadas por Mons. Escrivá de Balaguer, ao longo da sua vida. Constituem uma profunda e sugestiva exposição da doutrina e da vida cristã. No estilo, conjugam-se a profundidade teológica e a clareza da exposição.

A primeira edição deste livro publicou-se em Março de 1973. Surgiram já 39 edições, em 8 idiomas, com 291 418 exemplares.*

Amigos de Deus

Colectânea de outras 18 homilias, nas quais o autor tomou as virtudes cristãs como fio condutor do seu colóquio de amizade com Deus. O livro, com o mesmo estilo íntimo e directo do anterior volume de homilias, foi publicado em 1977, contando-se já 21 edições, em 6 idiomas, com 201 906 exemplares.

O volume tem um prólogo escrito por Mons. Alvaro del Portillo, actual Prelado do Opus Dei.*

La Abadesa de las Huelgas

Estudo teológico-jurídico. Uma investigação penetrante — realizada a partir das fontes e documentos originais — sobre um caso extraordinário de jurisdição quase-episcopal, por parte da abadessa do famoso mosteiro de Burgos.

A primeira edição foi publicada em 1944. A segunda data de 1974.

Via-Sacra

Nova obra póstuma de Mons. Escrivá de Balaguer, fruto da sua contemplação das cenas da Paixão do Senhor. Foi preparada para ajudar a fazer oração e para crescer em espírito de dor pelos nossos pecados e de agradecimento a Jesus Cristo, que nos resgatou com o preço do seu sangue.

A primeira edição publicou-se em Fevereiro de 1981. Surgiram já 12 edições, em 5 idiomas, com 129 014 exemplares.*

* Editados em português. Pedidos às livrarias ou às Edições Prumo Lda., Rua Bernardo Lima, 45, 2.º — 1100 Lisboa.

Universidad de Navarra
Servicio de Bibliotecas
Biblioteca Virtual Josemaría Escrivá de Balaguer y Opus Dei

ORAÇÃO

para a devoção privada

Ó Deus, que concedestes graças inumeráveis ao vosso servo Josemaría, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelíssimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres quotidianos do cristão, fazei com que eu saiba também converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar e de servir, com alegria e com simplicidade, a Igreja, o Pontífice Romano e as almas, iluminando os caminhos da terra com a luz da fé e do amor. Dignai-Vos glorificar o vosso servo Josemaría, e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço ... (peça-se). *Ámen.*

Pai-nosso, Ave-Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que com este **Boletim Informativo** em nada se pretende antecipar o juízo da Autoridade eclesiástica, e que esta oração não tem nenhuma finalidade de culto público.

Este **Boletim Informativo** é distribuído gratuitamente. Quem o desejar pode, com os seus donativos, contribuir para os gastos desta publicação e para o sustento das actividades apostólicas criadas pelo impulso espiritual do Fundador do Opus Dei, de santa memória. Esses donativos podem ser enviados, directamente, por vale postal ou cheque, para a **Vice-Postulação do Opus Dei em Portugal**, Campo Grande, 193, 1700 Lisboa; ou então, por transferência bancária, para a conta D.O. 210/7873Y, Banco Nacional Ultramarino, Arco do Cego, 1000 Lisboa.

Agradecemos o envio do nome e morada de pessoas a quem possa interessar receber este **Boletim Informativo**, ou memórias com a oração para a devoção privada.